

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

MEMORIAL

Impressão litográfica de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSE DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SERGIO

OCTAVIO SERGIO



No País das entrevistas



OCTAVIO SERGIO
1933

Zé Povo — Senhor Presidente: agora que os socialistas se fazem como lavradores é que é preciso fechá-lo saquinho...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

JOGO DO QUINO

Termina, com o número hoje publicado, este interessantíssimo e lucrativo passatempo.

No próximo Sábado daremos, nesta mesma página, a relação de todos os concorrentes com direito a prémios, anotando ao mesmo tempo o número de pontos atribuídos a cada um.

Mas para que o concorrente tenha direito a ser incluído na lista é necessário que nos remeta o recorte do jogo desta semana, publicado na última página, com o mesmo nome e endereço com que tem assinado os restantes.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

1.º prémios — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinas).

2.º prémios — Entre aqueles que consigam fazer duas quinas e um terno.

3.º prémios — Entre aqueles que só alcancem duas quinas.

4.º prémios — Entre aqueles que só alcancem uma quina.

E SERÃO OS SEGUINTE:

2 primeiros prémios de 500\$00 esc. cada.

2 primeiros prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

2 segundos prémios de 100\$90 esc. cada.

2 segundos prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

2 terceiros prémios de 50\$00 esc. cada.

10 terceiros prémios do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

100 quartos prémios representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Damos a seguir a lista de todos os prémios:

1 magnífico corte de fazenda para fato oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

1 grafonola e 6 discos, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

6 pares de ligas para senhora, em seda, oferecidas para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

1 dúzia de caixas do conhecido Pó de Arroz Belkiss, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

25 latas de conserva especial, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matozinhos A «Continental».

1 colecção de latas para despensa, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

1 peça dos célebres cotins «Campo do Cirne», que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

1 caixa de Pôrto Velho marca «Aidinha», oferecida pela casa exportadora de Manuel Augusto Baptista, L.ª.

1 dúzia dos sabonetes afamados mundialmente «Flor del Campo», que o seu agente nesta cidade, sr. Carlos Teixeira Figueiroa, nos ofereceu.

1 colecção de chocolates, fabrico esmerado da grande fábrica «Celeste», do sr. Manuel C. Pais.

1 esplêndido guarda-chuva de seda (para homem ou senhora), oferta da conhecida casa da Rua dos Caldeiros, 30, dos srs. Correia, Teixeira & Cunha.

2 elegantíssimos suportes para retratos que devemos à gentileza da Casa Figueiredo da Rua 31 de Janeiro.

1 caixa de vinho velho do Pôrto da grande marca «Pôrto Barros», que os seus proprietários Barros, Almeida & C.ª, de Gaia, nos mandaram.

1 caixa dos magníficos sabonetes «Automóvel Club de Portugal», que os representantes e depositários da Saboaria e Perfumaria Confiança, de Braga, srs. Monteiro & Sousa, L.ª, da Galeria de Paris, nos enviaram. Este sabonete além de ser um apreciável produto para toucador, encerra no seu envólucro um mapa automobilista da Península.

De um amigo da MARIA RITA, recebemos um lindíssimo **pano para mesa** caprichosamente bordado à mão, no valor de 200 escudos.

Igualmente pelo nosso amigo sr. Portugal de Brito, nos foi oferecido um interessante brinde manufacturado no grande atelier de sua Ex.ª Espôsa, a grande costureira portuense, sr.ª D. Izaura Pinheiro de Brito.

1 frasco de Agua de Colónia oferecido pela fábrica portuense «A Perfumista».

Da **casa Eldorado**, uma belíssima estatueta de grande valor.

Do sr. **F. Leal Júnior**. Duas colecções de 25 postais cada, representando os mais queridos artistas de cinema.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

No *Primeiro de Janeiro*, disse há dias a nossa prezada colega D. Marta de Mesquita da Câmara que o nariz de Cleópatra era perfeito e petulante, e que foi êle a causa de tantos sucessos ponderosos. Quis com isto asseverar, a ilustre poetisa, que foi por causa do seu nariz (de Cleópatra) que Marco António, Ptolemeu e Júlio César se apaixonaram pela célebre rainha do Egipto.

Pedimos licença para discordar. E' certo que Cleópatra era muito senhora do seu nariz, como, aliás, tôda a gente que se preza. Mas a verdade é que o apêndice nasal da amante de António estava muito longe de ser perfeito, — como, também, o de tôdas as mulheres. E o que a cronista de *Da minha lavra* devia ter escrito é que muitos homens se enamoraram de Cleópatra, não por causa do seu nariz, mas a-pesar-de êle.

Ninguém pode pôr em dúvida que o nariz, mesmo quando formoso — se os há — é uma feição que prejudica a estética da frontaria humana. E prejudica até as expansões amorosas. Se, quando dois seres trocam um beijo, se contemplassem a um espelho e vissem os seus narizes achatados um contra o outro, nunca mais se beijariam. E quando êles são um pouco avantajados? O pobre Cyrano de Bergerac disse coisas admiráveis do beijo, definindo-o como ninguém. Mas fôsse êle, em vez do amigo, a depositar êsse «point rose» na bôca de Roxane, e verificaria a impossibilidade de o fazer, mercê do seu enorme nariz. Ainda que a adorável preciosa distendesse os lábios, até atingir as proporções dos de uma botocuda, nem assim conseguiria encontrar os do poeta. E se

encontrasse, seria um beijo fruste, apanhado no ar, como os beijos enviados pela radiotelefonía.

Desde Adão para cá, o único homem que alcançou beijar plenamente uma mulher, foi Zopiro, o célebre persa que, em hora iluminada, teve a feliz inspiração de cortar o nariz. Esse, sim, que pôde libar inteiramente, com suma delícia e gôzo total, o mel dos lábios femininos. Os outros, não. Por mais que tenham vivido, por mais que tenham amado, possuem do beijo uma noção incompleta, fornecido por um prazer imperfeito: a noção e o prazer de um cão a quem tenham deixado lambe um pedaço de carne sem lho darem a comer.

E' esta uma das grandes desvantagens do nariz. Mas há mais: Quantas vezes, por exemplo, teria acontecido a Cleópatra, dormindo ao lado de Marco António, ressonar como um trombone de romaria? E quantas vezes, navegando nocturnamente com o amado à flor do Nilo, sob a cacimba traiçoeira, se não sentiria endefluxada e desataria a espirrar? Depois, no dia seguinte, a sorosidade corizal da pituitária que se precipita em catadupa, obrigando-a a limpar-se constantemente; a voz fanhosa; e as narinas que se inflamam, à força de assoadas, apresentando o aspecto de duas malaguetas coladas uma à outra... Um pavor, que devia desesperar o pobre Marco António, fazendo-lhe perder a dose de ideal que há em tôda a paixão violenta.

Todos estes percalços os teria evitado Cleópatra se não possuísse nariz. E teria, porventura, evitado o suicídio, — quando os acontecimentos começaram a cheirar-lhe mal...

Aqui tem a nossa distinta camarada. Pelo amor de Deus, nunca mais elogie o nariz de ninguém, que pratica uma falsidade, embora inconsciente. Não há um nariz bonito, não há um nariz perfeito, não há um nariz que seja, mesmo, suportável. Todos êles são insupportáveis. E se cada um dos humanos suporta o que a natureza lhe pôs no meio do rosto, é apenas por vaidade: para poder afirmar, sem receio de contestação, que vê um palmo adiante do nariz.

Mas, no íntimo, todos estamos convencidos de que o nariz representa um objecto, sôbre inútil, pernicioso. E é assim. O nariz é o mal. E como do mal o menos, a grande vantagem está em se possuir um apêndice nasal pequenino, ultra microscópico, que ninguém possa ver a ôlho nu. Diz-lhe isto quem tem um nariz... que vale por dois.

Marcial JORDÃO.

No baile

Eu vi-a ano passado; ela era na verdade Sedutora mulher, vestia com acerto. Quando na sala entrou fiquei boquiaberto, De ver na divinal, a grande magestade!...

Mas, hoje ao vê-la pois, meteu-me piedade, Não era a mesma, enfim, havia o desconcerto Naquelle todo seu!... O robe, um pobre enxerto, Em corpo tão banal na já vulgaridade!...

E eu que adorava esta gentil, outr'ora, Senti no coração a mágoa, assim ao vê-la Passar da magestade, a uma vulgar senhora!...

Perdeu-se aquela luz... o brilho duma estrêla Duma dama afinal, que além de encantadora Ano passado foi, das belas... a mais bela!...

Alfredo Cunha (Raza).

RESTAURANTE PORTUENSE

(ANTIGO PINTO)

DE **Messias de Almeida**

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

Balancete da semana

Aquilo, pela Espanha,
marcha admiravelmente.
Quando não há *castanha*,
rebetam bombas, com violenta sanha,
ou queima-se uma igreja simplesmente.
Pobre Alcalá Zamora,
que comunga, ouve missa,
e humildemente implora,
com fé inabalável e inteiriça,
a Virgem do Pilar, Nossa Senhora!
Tão cheio de ideal e bons desejos,
tôda a sua ridente aspiração
é que em tôda a nação
se escute um côro fraternal de beijos.
E afinal, o leão
da mui nobre Castela,
que êle quisera tímida gazela,
mudou-se em tigre ou fera do sertão.
Lutas constantes... povo revoltado...
Freme de raiva a Catalunha inteira...
D. Quixote morreu, horrorizado,
e Sancho Pança pôs-se na fronteira.
E enquanto, no cruel fórróbódó,
estoiram os petardos e os fusis,
Afonso Treze, indiferente e só,
saboreia *cock-tails* e *Cluquot*
nos clubes de Paris...

.....
E ainda houve quem tivesse dó
de um homem tão feliz!

*

A tal linha da Trofa, que valia
um tesoiro enormíssimo e encantado,
e dentro em poucos meses deveria
dar mais dinheiro do que o El-Dorado;
linha de brilhantíssimo futuro,
segundo a afirmação de certos pontos,
eis no que deu: só num semestre, o Estado,
que garantiu o juro,
pagou seiscentos contos...
Os números comprovam
que o *canudo* era grande, e foi no bote
quem deu crédito àquela afirmação.
Ah! de nada valeu o S. Cristóvam,
pôsto à guisa de lema e de mascote
na frente de uma célebre estação!

*

Ele há tanto *yó-yó!*
Mas porque é que a nossa fantasia,
escolhe e quer um só,
se são todos a mesma ninharia?
Verde e encarnado, uns; vermelho ardente,
outros; azul e branco alguns ainda.
E perdem o seu tempo, alarvemente,
nesse jôgo falaz, que nunca finda!
E obcecados de paixão, não vêem
os loucos que, por mais
voltinhas que lhe dêem,
são sempre, no missal por onde lêem,
o fio e o jôgo eternamente iguais...
Um brinquedo, afinal, ultrasimbólico:
Em cima, a mão que sabe comandar;
e em baixo, a roldaninha que obedece,
e dança, e sobe, e desce,
e gira sempre, sempre, sem parar...

Seria por falta d'água?!

Quando um violento incêndio devasta
algum edificio que é completamente
lambido pelas chamas, escapando as
grossas paredes de granito, encarvoadas
dum negro trágico de desolação e ruína,
é certo e sábio atirarem-se as culpas
para a tradicional *falta de água*, frase
que tem as costas largas para agüentar
com responsabilidades alheias.

Ardeu o armazém tal? Não se pôde
evitar a sua completa destruição? Falta
de água!

Um teatro foi pasto das chamas?
Culpa dos bombeiros? Não. Falta de
água.

Falta de água! Sempre falta de água!
Ocorre-nos perguntar ingênuamente:
—'Porque teria ardido em pleno mar
alto, o majestoso *Atlantique*?

Seria também por falta de água?
...Ou—quem sabe?—talvez por
abundância de vinho...

Os objectos abandonados nos electro-severianos

Nos carros eléctricos do nosso que-
rido primo Severiano (então êsse anual,
vem ou não vem?) são encontrados
todos os meses uma variedade infinita
de objectos terrestres, aquáticos, anfí-
bios e anti-diluvianos.

A lista de Dezembro é um primor.
Ora vejiam:

—*Duas canecas usadas*.—Sem vinho,
é claro.

—*Dois alfinetes de fantasia para
senhora*.—Dantes chamava-se broches.
Agora são alfinetes de fantasia. Ele sem-
pre há cada *fantasia*.

—*Um pacote com farinha*.—Eles
com a pressa até se esquecem do pacote!

—*Um embrulho com seis aros de
aço*.—Que aros serão estes? Serão para
monóculo? Querem ver que se trata
dos tais de aro castanho?!

—*Oito pares de luvas*.—Devem ser
daquelas usadas nos cinemas...

Mas o mais sensacional dos objectos
abandonados, o mais original e interes-
sante, é o que se lê a meio da lista, em
duas simples palavras:

Uns manguitos!!!

E' verdade. Houve quem se esque-
cesse duns manguitos. Foi um esqueci-
mento propositado. Algum anualista
que se lembrou de presentear o nosso
assaz estimado correligionário e amigo
Dr. Severiano...

Quem os perdeu, não perdeu grande
coisa. Arranjou logo outros, com cer-
teza. Um manguito faz-se num abrir e
fechar de olhos, e é um divertimento
inocente que se ensina às crianças:

—O' Lúlú, faz um manguito ao
Dr. Severiano por êle não dar um anual
à gente.

Carta a MARIA RITA

.....

Querida MARIA RITA:

Dizem que traz desengano
A roda que em cada ano
O tempo manda girar :
Que a ti te traga alegrias
Tam bastas todos os dias
Que nem as possas contar !

Que a Sorte, estendendo a asa
Sobre ti e os mais de casa,
Vos traga a todos também
Todo o bem que se apetece,
E que em verdade merece
Quem não faz mal a ninguém !

Na tua cara lavada,
Na tua saia rodada
Há mais graça e mais verdade
Do que nos rostos pintados,
E nos sorrisos forçados
Das madamas da cidade !

MARIA RITA és do povo :
Mas é certo e não é novo
(Di-lo a moral mais sensata)
Que, por bastantes razões,
Há malgas que dão lições
As próprias salvas de prata !

Se levas a vida a rir
Não está no teu sentir
O fazer mal a ninguém...
O próprio Jesus o disse :
Santo triste e que não risse
Triste Santo era também !

Não danças foxes nem valsas,
Mas não usas jóias falsas
Das que brilham a mentir,
E que são tam pouco nobres
Que, nem ao prego, onde os pobres
Todos vão, conseguem ir.

Peito farto e fartas ancas
As tuas formas são francas
Mais do que a moda requer :
Mas quem te encontra, à certeza,
Nunca fica na incerteza
De que encontra uma mulher...

Bebe à minha, eu bebo à tua,
Para que em casa e na rua
Nós sejamos bem felizes !
E que a Sorte que Deus mande
Que não seja a grande, grande,
Mas pequena e... com raízes!...

E, se neste ano que entrou,
A Sorte continuou
A mesma do que até aqui
Será bem bom afinal,
Porque nunca virá mal
Para mim nem para ti...

Com certa filosofia,
Certa dose de alegria
Vai-se o destino mais cru :
E nunca ninguém nasceu
Mais filósofo do que eu
Mais alegre do que tu !

FILÓSOFO.

Orgulhosamente agradecemos

A' firma **Bacelar & C.^a**, da Rua do Infante D. Henrique, 47 e 49, desta cidade, três lindíssimos cinzeiros, oferta gentil que muito nos cativou.

A MARIA RITA, de hoje em diante, é como aquela Maria da Graça, do Augusto Gil :

Vive sôzinha, não fuma,
Mas tem cinzeiros em casa.

Ao nosso velho amigo sr. F. Leal Júnior, 50 postais ilustrados, de artistas de cinema.

Esplêndidos, perfeitíssimos, quási com vida. Um esplêndido prémio para o nosso **Jôgo do Quino**.

A' grande Companhia de Seguros **Commercio e Industria**, meio cento de calendários de alumínio para 1933.

E' um brinde esplêndido para que a gente não deixe de saber a quantos anda.

Perfis do Pôrto

XXXIII

Dr. António de Araújo



Médico distinto, como as musas não façam mal aos doutores, revelou agora grandes qualidades literárias com a publicação da sua conferência—Luta Anti-tuberculosa.

Um xi do caricaturista.

O MELHOR CAFÉ É O DA BRASILEIRA



Os Portos que não são de honra

Travem, travem senhores, olhem que isso é descer... marqueses.

Acabem com os Portos qualquer coisa, pois que, por este andar, ainda veremos jogos em que os portuenses (disfarçados de esqueletos e com a língua de fora) serão batidos pela A. F. de Alguídares de Baixo.

Um *team de foot-ball* é quasi como uns sapatos depois de muito batidos: gastam-se de um lado, cambam, e depois só se endireitam com protectores...

Evitem isto, senhores.

Segue-se uma pequena resenha dos Portos-Braga e Coimbra. (Quasi parece uma viagem mistério).

Pôrto B-(Campanhã)-Braga

Na cidade da Ponte dos Bicos a nossa selecção, composta por doze jogadores (visto que uma das bolas foi metida por um adversário), conseguiu com duas grandíssimas penalidades ganhar por 5-2, um jogo em que, (talvez para não deixar ficar mal a selecção A) não convenceu, nem mostrou, a principiar por Soares dos Reis todo o seu saber.

Há dias, em que sabe muito melhor a cama fofa do que um campo duro fora de portas. A assistência manifestou-se algo... e Longuinhos... amente.

Consta que depois do desafio, os jogadores do Pôrto B foram convidados

a uma *Frigideira de honra*. Houve afecuosos brindes e algumas *môscas*.

Pôrto A contra Coimbra B

Está provado que esta coisa de subir alguns andares para ir até à Associação de Foot-ball, dá cabo do peito, e torna fracos os jogadores mais fortes. Além disso temos os Domingos (Soares ou não) e os dias feriados, em que há sempre um jogozinho de bilheteiras escancaradas.

Tudo isso junto quer dizer apenas isto: que os jogadores, quasi sempre quando teem de representar a sua cidade, quando é preciso mais do que nunca levar as tripas à bôca do sino, já estão mais moidos do que o café da Cristina, e mais cansados do que a célebre azeitona do espanhol.

E isto, que parece nada, mas que é afinal o pior adversário do nosso melhor *conjunto*, há-de trazer dissabores à MARIA RITA, madrinha do nosso *foot-ball* por inclinação, e admiradora embeicada por uma *Pinga* do célebre *Valdemar*.

E é por isso, que, firmando-nos na sempre comprovada amizade que lhes votamos, passamos a gritar:

Abaixo os vendedores do fôlego dos outros!

Abaixo o comercialismo da bola!
Vivam as selecções do Pôrto!...

Um amor... de marido!

*O Gustavo Rosmaninho
É um marido exemplar,
Pensando só no seu ninho,
Só pensando no seu lar.*

*De manhã vai p'ra o emprêgo,
A tarde volta a penates...
Nunca arranjou um conchêgo...
(É contrário a tais dislates).*

*Nos trabalhinhos caseiros
Ajuda a cara-metade;
Do petiz lava os cueiros
Com notória habilldade!*

*Escova e remenda o fato,
Dá lições à catatua;
Faz as sopinhas ao gato
E leva o tótó... à rua.*

*Põe o jantar a aquecer,
Dá-lhe que dá-lhe de abano...
E lava a loiça à mulher
E passa-lhe a casa a pano!*

BISNAU.

MULHERES



— Já reparaste como a nova mulher do Soba traz hoje a tanga indecentemente curta? —

O "Reveillon" da Allace

Na Lisboa amada, que é, como todos sabem, a Capital do País — e que simultaneamente, e também, como todos sabem: a Capital dos tolos... surdiu, últimamente uma monomania — uma nova seca, uma nova *scie* de pretenciosismo, tólo, como foi a do: — *Reveillon!*

Ele... era o — Reveillon para aqui... êle era... o Réveillon para ali... êle era o... Réveillon para... acolá... não se fariava doutro chose senão do... Réveillon!

O Sr. Doutor Ricardo Jorge porém, como illustre Paladino-mor, que é e se preza de ser, da vernaculidade, virgindade e pureza da nossa querida e muito linda Língua Portuguesa é que não esteve pelos ajustes... e, zás! Surgiu, de novo a... estacada, a dar traullitada mestra no... *Reveillon!*

E explicou, então, muito bem, a todos, o que era o... *Reveillon!* Nada mais nada menos que o equivalente da nossa antiga e muito velha... *consoada!*

Consoada, à moda tripeira, *consoada*, à moda já se vê, dos broeiros cá do Norte! Mas, pelo que se conclue e muito bem se sabe... Com muita e muita... honra!

E' que muita gente (alfacinha) que, como alfacinha que é, se julga ser, muito mais ainda do que os outros, e de outras regiões aos quais classifica irónicamente de provincianos, esquecida, como está, da sua linhagem ou geneologia, que, a folhas tantas, sofreu de solução de continuidade... pensa, *lá na sua...* que nada teem que ver... com a origem portuguesa, que, como todos sabem, vem cá da tripa... da tripa... e só da... tripa!

Muitos alfacinhas, descendentes de tripeiros, precisamente dos mesmos que e aos quais *lhes sabia muito bem a consoada de outros tempos*, já mal se *alembam...* de onde procedem... visto que, sem o querer... (foi uma desgraça que houve lá por casa!) lá deixaram que houvesse uma *entradela...* de *franceses...* na... famelga (daí o seu grande amor ao... *Reveillon!*).

E foi por isso, que o illustre Paladino-Mor, do vernáculo português... e inimigo acérrimo do Patagão, fez bem, muito bem, mesmo muitíssimo bem em *dar com a tripa da Consoada pelas trombas dos... Reveillonistas!*

E... que nunca as mãos lhe doam ao illustre Paladino-Mor do vernáculo... para que acabem, por uma vez... os pretenciosos que em tudo e por tudo nos querem *impingir...* o *franciú*.
Ora os... pedantes!

Que até chega a... nausear o vermos, que a todo o instante nos querem... embarrilar
Com um *franciú...* asno e pedante!

Pois quanto melhor não s'ria em troca d'um mau... francês falar... sem *pedanteria* o mais simples... português!

PERABOA.

NAS
Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível
AUX GALERIES LAFAYETTE

Roupa velha

comprada aos trapeiros de tôdas as semanas

Se não fôr desta maneira não daremos seguimento aos milhares de recortes que se amontoam na nossa pasta destas farrapadas. Por isso, tenham paciência e vão colecionando que são pedras para o célebre monumento ao *Ecos de Cacia*.

Voltamos hoje a ler a *Voz da Comarca*, da Louzã, onde o famigerado virgulisteiro J. S. C. semeia rabos por todos os lados.

«Pour désopiler»...

DE VILARINHO

A célebre estrada do Breijo

Conforme temos registado, já por vezes, nestas colunas, a necessidade que havia em se resarcir a heito, esta misera estrada, que chegou a um lamentavel estado, não tendo sequer, a menor vigilancia, por ela, e que tanta falta fazia, aos transeuntes de veiculos, que por ela se conduziam.

Mas há! Que alegria tenho ao dizer-vos, senhores, que houve alguém, que no fim de tanto bradarmos no deserto, ouviram-nos com uma voz, quasi enrouquecida e cansada, e que depois de muitos bagidos, agora vimos ali afixado, ao pé da nossa elegante fonte, um edital, para o arrematamento da brita necessária, para esta estrada, pelo qual vimos que a base de licitação, era de cinco mil escudos.

Agora é preciso, que não deixem passar por ela outro inverno, para dentro em breve, irmos dar volta pela vila, quando o destino é em ter de seguir esta estrada, só que seja ao lugar mais próximo, porque o seu estado lamentavel, é logo, no principio do seu contorno.

A seguir, lembramos mais uma vez, a já nomeada, «tableta de quilometragem» na bifurcação desta com a outra.

Fonte no lugar dos Casais

Segundo já nos informaram, o nosso vizinho lugar dos Casais, vai dentro em breve, ter uma fonte, como de facto bem merece, visto só avaliar, este melhoramento, quem souber como nós, a agua impura, que ali se consome, em uso doméstico. Graças, ao santo nome de Deus, que as nossas palavras, embora simples e fracas, sempre são ouvidas, com seriedade, quando vamos a caminho, da linda massa progressiva, e para a perfectibilidade e civilização, higienica, dos povos em geral. Bem hajam.

Calçadas do lugar

Há tempo, e já por vezes, que se falou aqui em recuperar, a parte da calçada principal junto ao domicilio do sr. Armando Dias, e de Maria do Carmo, a «Galega», pelo que se vê, não merece construída esta via, que tão galhardamente, se nos afigura com aquele aspecto sobranceiro, que tem desde que se arrancou a sua pedra, para agora exornar, as faces da rua, num lodacal prolixo, que os incolas deste lugar, argumentam, sempre que lá passam e dizem; é uma verrecundia para o lugar inteiro!

J. S. C.

Tôda a correspondência é um primor de vírgulas; mas este último pe-

ríodo merece sem favor uma cadeirinha de espaldar na douta academia das ciências. E' impossível comentar um tão grande chorrilho de asneiras. Vamos adiante.

Agora um anúncio que veio em tempos publicado no *Primeiro de Janeiro*.

Moinho do Crespo

Este moinho tem dous afferidos (duas mós) e está situado na ribeira Chança; trabalha todo o anno, excepto o pequeno intervallo do mez de setembro quando o anno é muito secco. Seu rendimento é sempre certo de 8 moios de trigo por anno. Tem uma boa casa para distracção, casa para o moleiro e uma cavalleria para os animaes dos freguezes. Pela sua posição este moinho é preferido aos mais, não só pelo bom caminho como por estar mais proximo das povoações.

Isto é o que se chama a verdade nua e crua. Não há comerciante nenhum, seja moleiro ou não, que não pense assim dos clientes. Por isso achamos que mais vale dizer logo tudo...

Outro anúncio que recortamos do conspicio *Diário de Notícias*.

Empregada

PRECISA-SE nova, com apresentação, para Escola de Tiro, para ir para fora. Escadinhas da Barroca, n.º 3, r/c., ao Largo de S. Domingos.

O espingardeiro, deseja, de-certo, a empregada bonita, para que os atiradores tenham em mira alguma coisa boa. Parece-nos, porém, prudente, avisar que tenham cuidado com a *mucha*; às vezes os alvos são muito delicados.

E, sem querermos, cá estamos novamente às voltas com o sr. Raúl F. Santos, o intrépido correspondente da Madalena para a *A Luz do Operário*.

Da Madalena

Correm boatos tendentes a ficarmos privados da assistencia medica do distinto clinico madalenense Dr. Tavares Bastos. Os quais se tornarem caracter autorisado, muito, teremos a lamentar, a falta irremediavel que a sua popularidade e desvelo profissional, se fará sentir.

Vejam este naco de prosa! Que succulento! O que admira é que o sr. Dr. Tavares Bastos ainda não tenha fugido!...

— Este pequenino rincão, bafejado suavemente pelo «Atlantico» que se chama Madalena, afastado do convívio cidadão e embebido pelo chilcherear constante das avesinhas, é seio a pessoas cujos costumes extravagantes merecem originalidade.

E assim logo que as trevas começam a evadir a terra, eil-as executando fielmente as suas ousadas e perversas acções.

Semelhantes ao curioso e popular passaro, o que chamamos «Cúcú», observam indiscretamente as mais futis conversações para imediatamente se orgulharem factanciosos do seu procedimento, revelando o que passou.

Há dias encontravam-se duas pessoas conversando animosamente, convictos de que estavam sós, ignorando serem victimas duma cilada, pois, um terceiro personagem occulto ouvia a troca das suas palavras e numa acção condenavel de leviandade confessa o seu procedimento, julgando tisongear-se, quando demonstra uma decadencia anémica no seu raciocínio.

Eu que apreçiel este caso, critico, e chamo a atenção do protagonista desta façanha recomendando-lhe cuidado, que é o elemento que o ausentará de sérias consequências, e possiveis dissabôres.

Raul F. Santos.

Este cavalheiro, com certeza, tirou licença para dizer asneiras. E faz um uso dela tão perfeito, que ainda consegue ser chamado pelo Marques Damião para dirigir o *Ecos de Cacia*. Se assim fôr, só lhe pedimos uma coisa, sr. Raúl: veja lá se lá coloca também o director do *Comércio de Gaia*!

Agora, uma notícia do *Heraldo*, de Lousada. Vejam o nome fornidável desta fôlha: *Heraldo*!...

Cine-teatro «Losuada»

Com uma casa cheia realisoou-se no ultimo domingo o espectáculo Ricardito no Bairro chinês, comedia em 5 partes.

A empresa do Sr. Fausto Guimarães & C., de Penafiel merece todo o nosso elogio.

Para o proximo domingo espera-se uma verdadeiro enchente, que deverá ser exhibida a preços populares,

O Herald.

Ora aí está uma coisa que eu nunca pude ver num cinema cá da terra: exhibir-se uma enchente a preços populares. Isto só em *Losuada*.

E para terminar um outro anúncio do *Diário de Notícias*. Vinha assim em francês, e nós respeitamo-lo, porque, nestas coisas, a lingua ainda vale muito.

Dame

ENCORE jeune, instruite, sympathique, affectueuse, parlant plusieurs langues, cherche à faire la connaissance d'une DAME riche, gouts modernes qui puisse la choyer et lui rendre la vie agréable. Discretion absolue. Réponse à ce journal au n.º 164.

Não comentamos porque a MARIA RITA tem bigode.



E foi assim que nasceu a moda dos «camisas» de diversas côres

VENUS DE MILO, a insigne costureira assazmente mitológica, que perdeu — tadinha dela! — os dois braços a cortar camisas de de homem para senhoras de dormir, tem afinal, pelo parentesco da beleza indescritível, as suas lídimas representantes na cidade do Pôrto.

Focar algumas de essas belezas de hortaliça é hoje o nosso intento, porventura malévolos, mas bem intencionado, graças a Deus.

Há, no Pôrto, algumas mulheres, que, não desfazendo, são umas autênticas belezas de home.

O Rouxinol baleia

Em primeiro plano, pela sugestão do volume e encantos esquipáticamente canoros, aparece-nos o conhecido fenómeno muscular que o vulgo conhece pelo anfibioso nome de *Rouxinol baleia*, a única baleia canora que o mundo possui.

Baleia legítima, tendo nascido da simbiose nevro-pata de um rouxinol fêmea com uma baleia do sexo quasi masculino, de tenra idade veio das Baleares, sua terra natal, desaguar nas águas sem saneamento de este Pôrto cada vez mais progressivo.

Dir-se-ia que só tem uma vista: a da banda de trás.

Efectivamente, mesmo vista de frente ou a três quartos, parece estar sempre de costas.

E' vê-la, ali, na Praça da Liberdade, na zona tórrida das paragens frigidíssimas onde uma pessoa apanha um calor à espera dos eléctricos.

Tão rotunda e dando tanto na vista de quem passa, que era só de uma pessoa pendurar-lhe ao pescoço uma placa com os seguintes dizeres:

ROTUNDA DA BOAVISTA

Trânsito impedido

Surge agora na "estrada," Vénus de Milo feita macho

Contimpela-a tu, caro leitor!

Tem duro o gesto e a fala.

Não sendo parente do nosso caríssimo Marcial Jordão, anda mais marcialmente que um automóvel tocado a dinamol e ferro-quinol!

Sendo uma pessoa másculamente assizada, tem *pímulas!*...

E tanto que as vende, quando lhe dá na gana.

E está no verdadeiro local, onde se pode dizer que é uma beleza de hortaliça.

O nosso *Benoliel* colheu-a de improviso, à sucapa, nessa linda marcha que aí vêdes!

Contimplai-a e depois vereisia!

D. Izabel, próxima parente de Governadores Cívicos e pessoas ilustres.

Além disso dirá o leitor que temos a mulher eléctrica e o homem macaco. Puro engano!

O que temos é a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel,



A' espera de um eléctrico que de mandar fazer de propósito.

que, descendente de nobres antepassados, todos já falecidos definitivamente, vive de vender santinhos e rosários, porque, usufrutuária de uns parques bens brasileiros, não consegue hoje usufruir coisa alguma.

De muito boa família, descende

directamente da Vénus de Milo, por parte dos Molarinhos do Pôrto, um dos quais foi gravador notável cá no burgo.

Esta senhora, que, como se vê pela gravura adjunta, possui uma respeitável bicanca, não desfazendo nas outras Vénus aqui presentes, também é uma beleza notável.

Outras belezas que dispensam gravura

Possue o Pôrto muitas outras belezas de grande requinte.

Por exemplo, Júlio Ribeiro ex-senador efectivo, possui um palmito de cara bem bom. Imaginem os senhores que o vêem nusinho como Deus o deu! Dispam-no com os olhos; cortem-lhe os braços e amarrem-lhe um lençol para baixo do umbigo, e terão uma nítida visão da Vénus de Milo do Partido Democrático.

E' claro que êle amanhã vem dizer na *Montanha* que já tardava o falarmos nele, que já o não fazíamos há três números, mas a verdade é só esta, e hoje não vem caricatura.

Mirem-me agora o Sr. Aníbal de Moraes, a Vénus eterna, a Vénus imortal!

Na beleza do nariz apolinariosíssimo há qualquer coisa de formidável, de grande, de gigantesco no que concerne à efabulação!

O cabeleireiro F. Belo, da rua dos Carmelitas, também, ninguém o pode negar: é um homem Belo. Não se pode dizer positivamente, que seja um Belo Redondo; mas é pelo menos um Belo esguio. Bonito lá na casa é o Viana. Há lá cliente que com o Viana, era capaz de ir mais longe um bocadinho; lançar âncora em Caminha, por exemplo.

O sr. Leote do Yó-Yó, também é uma beleza, que dá o seu corpo ao manifesto do sol doirado. No inverno é branco como uma cautela sem prémio; mas no verão é escuro como um frasco de tintura de iodo. Etc., etc...

E poderíamos, por aí fora citar um sem número de belezas cidadinas, capazes de emaluquecer a mais pintada. Preferimos, no entanto, ir dando aos nossos leitores umas gotitas deste elixir de mocidade para que não reben-tem de satisfação por uma vez só.



A D. Izabel que vende santos sem lhe pedir perdão de os vender.

Mas se alguém quiser entrevê-las por instantes, passe uns momentos da tarde, à porta do Lino ou na paragem dos eléctricos na Praça.

Ali é que é vê-las, e recordar saudosamente, os ominosos tempos em que as subidas e descidas dos eléctricos, faziam crescer água na boca a muita gente. E os nossos olhos, como os incritos barões assinalados, entravam por ali dentro, como

Por mares nunca d'antes navegados.

E por falarmos em Praça: para que seria construído o púlpito do Banco de Portugal, na esquina da rua do Almada, onde ninguém pode ir, senão de balão?...



CASA DAS GABARDINES
Rua Santa Catarina, 134 e 138
PORTO

Artigos impermeáveis para homem, senhora e criança.

A ÚNICA, A VERDADEIRA, A QUE MAIS BARATO VENDE. NÃO CONFUNDAM.

CASA DAS CASIMIRAS
Avenida dos Aliados, 1 a 5—PORTO
(Edifício da Nacional)

Filial da CASA DAS GABARDINES
CONFECÇÃO ESMERADA. FATOS, GABARDINES E SOBRETUDOS.

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 90.

N.º 108

Viajam em caminho de ferro dois campónios. Ao parar o combóio numa estação, pergunta um deles:

— Que estação é esta?
O outro chega à portinhola da carruagem, e, lendo um letreiro que vê em frente:
— Retrete.
— Então, compadre, alvitra o primeiro, vamos tomar alguma coisa.

Remetente: Reirobi.

N.º 109

O Carlinhos chega da escola e vem muito triste.
O pai ao vê-lo assim tão triste pergunta-lhe:
— Que tens que vens tão triste?
E o filho a chorar diz-lhe:
— Foi o senhor professor que me perguntou aonde estava a Sibéria, e eu não soube responder.
O pai zangado:
— Não admira! tu nunca sabes aonde pões as coisas.

Remetente: Amarantino.

N.º 110

Pergunta tóla a um aviador:
— Quando os senhores estão a 1:000 metros de altura, a terra deve parecer-lhes muito pequenina, não?
Resposta adequada:
— Como a cabeça dum alfinete. E digo-lhe que a gente vê-se à rasca para acertar bem a portaria ao descer.

Remetente: Lindo Ar o C'stá.

N.º 111

Barnabê tendo de fazer jornada e acordando muito cedo, chamou o criado e ordenou-lhe que visse se já era dia.
O criado abre a janela e, vendo tudo escuro, respondeu:
— Ainda não, patrão.
— Pedação d'asno — torna Barnabê enfadado; como havias de ver o dia se ias às escuras? Ora acende uma vela e vai ver outra vez.

Remetente: Buboule.

N.º 112

Um petis de 6 anos faz esta pergunta à mãe:
— O' mãe, porque se diferença um gato de uma gata.
A mãe (atrapalhada) — Pelo miar, meu filho.

Remetente: Anarintamo.

N.º 113

Um viajante que havia duas noites não pregava ôlho, foi a um hotel para alugar um quarto. Dirigiu-se ao «groom» e perguntou-lhe:
— Há quartos de vago?
— Não senhor; respondeu-lhe — a não ser que o senhor queira ficar num quarto em que há duas camas, mas que já está ocupado por um preto.
O viajante aceitou e o «groom» foi indicarlhe o referido quarto.
Já deitado o viajante, diz para o «groom»:
— Olha que eu quero que me acordes às 6 horas da manhã.
— Sim, senhor.
De noite o «groom» para lhe pregar uma

partida, pega numa caixa de graxa preta e besunta-lhe a cara tóda, e... às 6 horas lá estava a acordá-lo.

O viajante levanta-se, dirige-se ao espelho para compor a «toilette», e ao ver aquela cara, diz num sorriso:
— O raio do rapaz em vez de me acordar a mim, foi acordar o preto!

Remetente: Rutra Luar.

N.º 114

Um freguês pergunta ao barbeiro:
— Diga lá, sr. Aurelino, a barba cresce mais no verão ou no inverno?
— No verão!
— Porquê?
— Porque no verão os dias são maiores.

Remetente: Pouca Sorte.

N.º 115

— Consta-me — dizia um freguês a um salicheiro — que no Alentejo fazem chouriços com carne de burro.
— Como sabe o senhor isso? Já lá esteve?
— Já, sim senhor. Estive lá três meses.
— Então não fazem com certeza.

Remetente: Leunam.

N.º 116

Diálogo entre dois amigos:
— O' Salazar, quanto é, para ti, um conto de reis?
— Um tostão.
— E quanto é, para ti, um século?
— Um segundo.
— Então, Salazar, dá-me um tostão.
— Espera aí um segundo.

Remetente: Dr. Casto.

N.º 117

Entre boémios:
— O teu sobretudo tem um feitiço esquisito!
— Não admira! Esteve seis meses no prego...

Remetente: Zé Barão.

N.º 118

Um individuo, querendo molestar um vizinho com quem se não entendia, enviou-lhe uma bandeja cheia de chifres.
O outro, adivinhando a origem do brinde, devolveu a bandeja cheia de flores, acompanhada de um bilhete, dizendo: «Cada um dá o que tem».

Remetente: Busina.

N.º 119

EPIGRAMA

Ao seu rei Alcino um dia
Certa graça foi pedir
Ajoelhou — d'assim vê-lo
Velho bobo pôs-se a rir.

D'assim ver-me, diz o vate
Tu te ris? Que bruto és!
Não sabes, louco, que os reis
Tem as orelhas nos pés?

Remetente: Octaviano II.

N.º 120

Encontraram-se dois velhos amigos, que há muito tempo se não viam.
— Há dias apenas — diz um deles apertando a mão do outro — é que eu soube que tinhas casado.
— Casei-me sim — confirmou o outro, soltando profundo suspiro. — Tu conheces minha mulher?
— Não; não tenho êsse prazer.
— Então como sabes que é um prazer?

Remetente: Ribiero.

N.º 121

— O' Maria, não viste uma carta que estava aqui, na escrevaninha?
— Vi, sim, patrão. Deitei-a ao correio.
— Ao correio? Como?... Então não repaste que estava sem endereço?
— Reparei, sim, senhor. Eu vi logo que era a resposta àquela carta anónima que o senhor ontem recebeu.

Remetente: Setuntas.

N.º 122

Numa das ruas da cidade seguiam na sua palestra dois amigos.
Um deles dizia:
— Um dia destes seguia num eléctrico uma baronesa e eu entusiasmado com ela, ia saltar para o carro, mas como êle era um pouco alto, eu ia caíndo.
O outro, interrompendo:
— Mas quando é assim a gente agarra-se ao barão.
— Pois sim, mas eu preferia agarrar-me à baronesa.

Remetente: A. Lopes.

N.º 123

Tendo vindo pela primeira vez à cidade certo camponês, notou que entrava muita gente numa loja aonde não via vender fazenda alguma. Movido de curiosidade, acercou-se da porta no momento em que o dono se achava só, e perguntou-lhe com ar muito ingénuo o que era que êle vendia.
O cambista conhecendo a simplicidade do rústico respondeu-lhe muito sério:
— Vendo cabeças de burro.
— Sim?! — exclamou o camponês — Então tem Vossoria feito hoje grande negócio, visto que já lhe não resta senão uma na loja...

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 124

A patroa — Quere sair hoje, Maria?
A criada — Não, minha senhora. Ao domingo anda nas ruas uma gentalha ordinária. Se a senhora quere, saia, que eu fico tomando conta da casa.

Remetente: A. Cepeda.

N.º 125

Num tribunal:
— A testemunha é solteira, casada, viúva ou divorciada?
— Eu cá não sou nada disso.
— Então o que é?
— Sou amigada.

Remetente: Crisântemo.



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Li algures num destes nossos «colossos» da informação, que tanto abundam na pátria feliz onde não há pigmeus, — esta notícia sensacional: — vamos ter brevemente corridas de galgos, que perseguirão lebres mecânicas.

É uma brincadeira bastante usada lá fora. E realmente, se há corridas de cavalos, burros, homens, camelos, e alguns outros bichos, — porquê não aceitar que haja corridas de galgos?

O que me faz certa espécie, confessq-te, é que a lebre seja... mecânica.

Entre nós, homens, a ilusão é um conto do vigário em que cai a inteligência. É frequente, frequentíssimo, que andemos a esgalgarmo-nos atrás de lebres que não são lebres, e que se nos escapam porque, quando paramos, esfalfados, ainda elas tem corda para muito mais. Simplesmente, a inteligência é uma coisa que inspira admiração, talvez inveja; e orgulho, talvez; mas nunca essa espécie de ternura respeitosa de que rodeamos qualquer instinto muito puro.

Ora, neste caso das corridas de galgos, a lebre, a falsa lebre, é justamente uma «vigarização» de um desses instintos.

Impingir gato por lebre a um cidadão, — é tanto o pão nosso de cada dia, que já ninguém repara. Dar corda a uma lebre de borracha, para intrujar um galgo, — é muito mais cruel. Eu não pertença à Sociedade Protectora dos Animais Mecânicos; nem eu, nem a minha filha (a quem o menino Jesus deu um urso que já tem os dois braços descosidos dos seus pontos naturais). Mas, sem talvez saber explicar esta impressão, sinto na nova modalidade de divertimento público, a introduzir nos nossos costumes, uma forma subtil de crueldade moral, que reside justamente na máscara encontrada para a crueldade nativa de todos nós.

Se a lebre pudesse ser verdadeira, todos os espectadores diriam: — «coitadinha da lebre!» Assim, todos dirão, com um sorriso superior: — «coitadinhos dos galgos! que trouxas!» — Dir-se-ia que, para o deleite humano ser completo, — é preciso que haja sempre «coitadinhos».

E no fim de contas, MARIA RITA, as corridas de cães não são novidade nenhuma. Todos os dias a gente vê disso nos tribunais. Uma corrida de cães é desporto que tem mesmo um nome jurídico: — «o concurso de crêdores». (Tu não pretendes formar-te em Direito, nem eu sou Lente que te duplique os conhecimentos; sempre te direi, no entanto, que nesses concursos, como em todos, acabam por perder todos menos um; e que este não é, geralmente, o que nós achamos mais bonito...)

Se fomos, como assim te demonstro, precursores, — para quê importar agora uma novidade de côr estrangeira, em vez de arranjar modernizações do que já era nosso!?

É sempre assim. Até há pouco, exportávamos a cortiça para depois importarmos as rôlhas.

Agora, os desportistas estrangeiros veem ao nosso Código copiar uma novidade excitante; e nós, bumba! Importamos a novidade, em vez de renovar e aperfeiçoar o que tínhamos.

Não seria mais divertido assistir a uma corrida de alfaíates — a ver qual apanhava mais de-pressa um cheque animado da velocidade de um devedor em calças pardas?

Ou uma corrida de sapateiros descalços atrás de um freguês com duas botas num pé só?

Ou uma *gymkana* de antigos deputados, a ver qual chegava primeiro, saindo das Necessidades, ao Beco do Fala Só?

Ou uma compita de *estrêlas* de revista, a ver qual era mais... cadente? (Do latim *cadere*, — cair...)

Ou um desafio de caracóis loiros a ver qual punha mais de-pressa os pausinhos ao sol?

Ou um combate entre doze autores de revista (se houvesse doze) metidos num labirinto, — a ver qual encontrava melhores saídas?

Ou uma roleta de advogados a ver qual tinha

melhor palpite no Tribunal Pleno, — por qualquer processo?

Ou uma aposta geral entre actores, a ver qual desempenhava mais de-pressa o que tem no prego?

Ou um *cross-country* de médicos, — a ver qual esfolava melhor um paciente?

Meu Deus! Poderia variar até ao infinito, entre as modalidades da vida nacional, sugestões que, com superior pitoresco, mais intensa verdade actual, e melhor recorte de espírito, substituissem a triste cena, — porque no fim de contas é uma triste cena — de pôr uns quantos de galgos sem culpa atrás de uma lebre sem coração.

Uma burlona emérita conseguiu intrujar vários agiotas impingindo-lhes recibos falsificados de funcionários que queriam descontar os respectivos ordenados.

Há no delito uma parte dolorosa, em que ninguém fala. Para que agiotas encanecidos fossem tão crédulos, é porque é corrente, nos tristes bastidores da vida corrente, isto de funcionários precisarem de descontar, mesmo a juro altíssimo, os magros ordenados que recebem. Triste coisa, pensando bem. O Estado devia ter metade dos funcionários que tem, — e pagar a cada um, pelo menos, o dôbro do que hoje lhe paga. A dificuldade, quando não a envergonhada pobreza, em que vivem legiões de funcionários públicos, são, além de um contra-senso, — um risco de cada instante para o próprio Estado.

Creio que ninguém viu, porém, êste aspecto da questão.

A burlona foi presa. Deve ser condenada. Mas, no espírito do público, no seu sentimento, quando um agiota é burlado, o larápio que o burlou apanha dois anos de cadeia, — e cinco minutos de gratidão...

Muitas saúdes do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Posta restante

Josêsinho das Tortas — Obrigado. Recebemos e vamos publicar. Propague a nossa MARIA que é uma das grandes obras de caridade. Veja você a secção «Descanso Semanal», e diga-nos depois se só por ela não tem razão de existir um jornal destes.

José Correia Vidinha — O recorte foi-nos facultado por um cavalheiro de Gaia, que, com certeza lhe é desconhecido. Pela certa houve descuido na revisão do diário, porque o recorte era susceptível a comentários. E nós também não sabíamos...

Perjuro — Sempre gratos às suas boas palavras. O que nos diz sobre os prémios é justíssimo. Acatamos as suas disposições. Quanto ao segundo das glosas, entendemos que, por não ter sido anunciado, é melhor reservá-lo para novo concurso. A MARIA RITA não acaba, felizmente, porque é criteriosa, e qualquer dia cá estaremos a preencher novos concursos. Sobre o caso de S. Mamede, vamos investigar e diremos após alguma coisa.

T. S. F.

«Aos amadores»

*Entre as coisas de mór fama
Que a ciência descobriu,
Brilha qual rútila flama
a telegrafia sem fio!*

*Com meia dúzia de pilhas
N'um aparelho qualquer,
Pode a gente de Cacilhas
Conversar com a mulher
Mandando beijos p'rás filhas!*

*Pois juro sobre os ditames
dos progressos ando à coca...
Que inda hei-de dar p'los arames
uma valente... beijoca...*

D. CHICOTE.

Inquirónica

di o Braziu

Rio de Jânêro, 1 de Novembro 1932.

Ao rêcebê esta cártia já com certeza saiu o urtumo numero di Maria Rita!... Paciência!

Sêrá publicada mêmo quando sair.

Hoje lhes vou fálá di as minha vida páticulá, para mecês sabê qui não tenho sêgrêdos, não...

Há quatro anos qui estou aqui trabaiaando, longe di a minha famia.

A sinhá, qui vive em as montanha di Itóróró, me está sempre amolando para eu rêgrêssá aos nosso lar, mais eu tenho rêsistido aos impurso utêrino di mi ajuntar com ela, não é?, por causa di o nêgoço qui monei aqui di banana, côco e abacaxis.

Em toda as carta e têlêgrama qui mi bota, a sinhasinha mi amola, qui vá, qui torne e porqui deixe.

Vida sáfáda, tá vendo, u é, seu leitô?!?

Mi diz frêquentementi qui deixe os meu nêgoço e qui vá nos braços di ela...

Honti, não podendo rêsisti, não é? — lhe mandei um têlêgrama comunicativo di qui enfim rêgrêssaria, inconcêbido assimmente:

«Maricota

Itóróró

*Estou sáfádo com saudaê di bancê.
Botel já o meu nêgoço todo di fora.*

Jacarandá.»

Mais eu já estou um bocadinho arrependido, não é?

Qui vou eu ágora fázê lá na minha terra, ao pé da sinhá, com o nêgoço di fora?

Vamo a ver: Deus, sendo brásilêro, é grandil! Mi dêsculpa, leitô, não ser mais extensivo, mas tenho qui ir tomá café, não é?

Arriceva incumprimento di êste qui é sempre de mecês,

Dr. JACARANDÁ.

O ACADEMICO

N.º 11

7 de Janeiro de 1933

Preço: \$00

REVISTA SEMANAL

DIRECTOR: Damião de Góis Júnior

Meia bola e fôrça...

Abriram as aulas e a rapaziada voltou contente às Faculdades, para receber as proficientíssimas lições dos mestres.

O tempo vai propício ao estudo e os nossos sábios professores teem dado abundantíssimas provas do grande aproveitamento que tiraram das férias, pelo que todos os alunos são unânimes em declarar que não voltarão a dar-se casos de estupidez nas aulas como as que teem merecido os nossos reparos.

Oxalá se traduzam em realidade as esperanças dos esperançosos moços.

Dr. Barnabé I.

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

XI

O Hipopótamo

Lyneu

No princípio do mundo este grandíssimo animal era simplesmente pótamo... Depois, agravando-se-lhe os calos e não podendo andar a pé, digo a pata, sentiu-se na imperiosa necessidade de comprar um exemplar, totalmente hípico, denominado cavalo.

Da simbiose transcendental — hípico-pótamo, — formou-se hipopótamo e digo eu que muito bem, se a memória me não falha no que concerne a estudos zoogramaticais...

O hipopótamo é filho do hipopótamo, o que

equivale a dizer que é filho de si mesmo, pai do já citado e avô do primeiro.

E' uma trapalhada, isto de ser hipopótamo...

O hipopótamo é um animal muitíssimo abundante, não só pelo seu volume como também, não obstante, por se encontrar com frequência.

Em Lisboa há pelo menos dois: um que Deus haja no Jardim Zoológico e outro que anda à solta pelas ruas sob o pseudónimo adioso de Chabi Pinheiro.

O hipopótamo, quando fêmea é muito sociável... ou antes, gosta muito de arranjar sócios... E' como a Maria da Graça: vive sôzinha, não fuma, mas tem cinzeiros em casa... São bidas...

E' também chamado cavalo-marinho, porque ficou com a mania de andar sempre metido na água. Da pele de este paquiderme hidráulico nascem espontâneamente pequenos cavalos marinhos que se dão muito bem em tôdas as costas.

Zoopirotécnico

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.

Pensamentos médicos

Se os doentes pensassem não havia médicos.

Dr. Cristiano de Moraes.

O' meninos, façam como eu; dediquem-se a especialidades:

Na minha clínica de Pitologia tenho encontrado casos curiosíssimos do pensamento uteral.

Dr. Dias Tavares,

(Tavares Pobre; não se dão almoços depois das duas horas).

Ah! rapazes, eu cá não sou médico... Se fôsse, matava-os a todos como a perdizes.

Joaquim,
(Tavares Valente).

Você será Valente, não o discuto, mas eu sou médico...

Dr. Armando Tavares,
(Tavares Rico; almoços a tôda a hora).

Continuo com a minha: abandonem a Brasileira.

Dr. Paulino Ferreira.

O segredo da minha saúde exuberante é simples: comprei uma cadeira de vêrga e nela me sento uma hora por dia.

A-pesar-do uso, a vêrga está como nova.

Dr. Raúl Outeiro.

Ouçã lá: isso não será Garganta?

Dr. Vellozo de Pinho.



BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR



Quem é?

O Dante, grande escritor,
Uma mulher conheceu
Cujo nome, com amor,
E' mesmo igual ao seu.

Depois o homem morreu,
Deu à Costa, naufragou
Mas o nome não esqueceu
Pois no mundo, cá ficou.

Pronto. Está tudo dito.
E podem crer, que eu até
Tenho a certeza, acredito,
Que todos sabem quem é?

LÉRIAS.

Anexim

Zé faroleiro
E' sapateiro
Traz o calçado
Em mau estado.

Diz-lhe o padeiro
Estanislau:

.....
.....?

Fantasma NEGRO.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Manuel Ribas; *Qual é?* «Comércio de Gaia».

Matadores: Só Darco, Alvacarso, Tom Mix, Lizé, Reirobi, João da Sé, Monteiro I e II, Octávia Maria, Abd-el-Krim, Fantasma Negro, Amarantino, Rei do Jazz, Bob Custer, Denis King, Cirrado, Zé Barão, Seugirdor, Harold, Lérias, Delfim de Freitas, Oinotna.

ANUNCIOS

da MARIA RITA

Prédio — Dá-se um magnífico prédio de seis andares a quem estiver resolvido a aturar os malandros dos inquilinos. Está todo alugado, rende por ano 90.769\$35,6, e não paga contribuição. O seguro, reparações e limpeza de chaminés, estão a cargo dos inquilinos. Se ninguém o quiser nestas condições, dá-se ainda uma boa gratificação. Carta à Rua da Beneficência, 7007.

Avião — Vende-se em conta um avião marca «Galo» (por voar baixo), que já caiu cinco vezes, tendo sempre *aviado* os aviadores com a maior limpeza, faltando-lhe apenas o leme, três pás da hélice, o motor, e três quartas partes das asas. Informa-se na travessa da Boa Morte, 13.

Perua — Foi encontrada uma, de grosso calibre, abandonada à porta do carvoeiro aqui de baixo. Entregue-se a quem provar... pertencer-lhe, no referido carvoeiro, entre as 10 e as 11.

Bananas — Vendem-se a preços vantajosos, por saldo fim de estação; em cachos ou tresmalhadas. A quem quiser fazer criação, também se dão alguns bananos.



Uma celebridade

Era um talento sólido, em bom uso, garantido por dez anos, côres firmes e miolos desertos, especialista em abocanhar as inteligências alheias e em espetar os caninos nas pernas dos desacauteitados. Orçava pelos quarenta. Aos quinze pariu um volume de versos, extraído a «forceps» por um dicionário de rimas; aos vinte foi prêso por ter sido encontrado num portal em companhia dum bombeiro no serviço activo, e aos vinte e cinco assaltou pelas costas a dramaturgia nacional, apunhalando-a com um originalíssimo original em três soporíferos actos, desenvolvidos em oito quadros mal pintados e sem calíhlo.

*
* *

Após tanto labutar descansou dez anos, atulhado de vaidade e borrifado de elogios. Sedento de mais glória, ao completar trinta e cinco reparou que o seu nome estava quasi esquecido e que era preciso relembrá-lo, não se reclinando por cima dos louros colhidos, mas voltando de novo à actividade literária que o esperava de braços abertos e com um *fauteuil* da Academia pronto a recebê-lo e a glorificá-lo... calo com ôlho de perdiz estufada com arroz.

Pensou em escrever uma revista. Mas qué diria a terrível crítica da loucura do genial poeta, que assim descia do seu pedestal olímpico para vir juntar-se, cá em baixo, à tropa fandanga dos revisteiros? Não. Não podia ser.

*
* *

Para que o seu nome tornasse a passear pelas colunas das gazetas, para que o seu retrato aparecesse novamente

Aos nossos poetas

A MARIA RITA vai fazer um novo concurso de poesias que se intitulará

AQUI JAZ

e que constará de epitáfios, verdadeiros ou inventados, em verso e mais ou menos jocosos.

Não poderão ter mais de 10 versos, e será premiado o melhor.

Podem mandar, senhores!

em tôdas as ilustrações, era mister evidenciar-se fôsse de que maneira fôsse.

Mas como? Que acto de arrôjo ou de inteligência havia de praticar?

Comprar um anual do eléctrico?
Aprender a jogar o *Yô-Yô*?

Contar o número de poesias do Sr. Cunha da Raza?

Dizer que não sabia jogar o *foot-ball*?

Fazer um desfalque de centenas de contos?

Sim, talvez... Seria o mais práctico e o menos perigoso. Optou pelo desfalque. Uma coisa assim como oitocentos contos.

Eureka! Voltou outra vez a popularidade e a glória! O seu retrato figurou de novo nos jornais e os repórteres contaram minuciosamente a vida do inspirado e lírico gatuno que roubava com ritmo, metrificacão e harmonia!

*
* *

Foi julgado. O advogado de defesa, num vômito de eloquência fêz ver ao respeitável juiz a irresponsabilidade do réu, baseando-se para isso na obra literária do mesmo. Leu algumas poesias do seu constituinte e obrigou os jurados a ouvirem três cenas da comédia que êle tinha escrito. Provada irrefutavelmente a imbecilidade do criminoso, o júri absorveu-o por unanimidade.

*
* *

Que faz agora o nosso génio?

Para que a celebridade o não desampare, queima o vazio dos miolos num quarto do «Conde Ferreira», escrevendo uma tragédia, intitulada: «Cem autores para uma revista» ou «Sete cães a um ôsso... já esburgado».

LEIDOAR.

Desconfiança

*O Anastácio Furtado
Parecendo bom sujeito,
Para mim, tem um defeito:
E' muito desconfiado.*

*Há dias, arriado
Preguntava ao carniceiro:
O vizinho do primeiro
Comprou carne ou não comprou?
...E' que... sabe?... Ontem faltou
Uma franga no poleiro!...*

Dr. PRETITO.



CLASSIFICAÇÃO GERAL

Concorrente votados duas vezes ao **Quadro negro:**

Adriano X. Nel.

Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro:**

Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos, Cagancho, Biturino e Olegna.

Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos de louvor):

Olegna, Lizé, Sepol, Amaral, Zé da Sé e Adriano X. Nel.

Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos de louvor):

Tito e Alfredo Cunha.

Concorrentes com dois votos de louvor:

Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tónio, Zé Barão e Octávia Maria.

Concorrentes com um voto de louvor:

Asódias, O., Orno, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas, Tripeiro, Dr. Crasto, Henrique Cardoso, Chichisbèa, Kammon, Mamede, Cagancho, Narigudo, Pierrot, Zé Norte, Alvecos, Quim Mesquita, Lérias, Julifer, Rei dos Nabos e Tripeiro (de gema).

Para o mote

*Se o trinta e dois rebentou
Que fará o trinta e três?*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Espera que eu já lá vou!
Vais ver que não perderás!
Também tu rebentarás
Se o trinta e dois rebentou!
Sempre ao teu dispor estou
Noventa vezes por mês!
Meu valor e robustez
Nunca levas de vencida!
Para aumento desta vida
Que fará o trinta e três?

Zé da Sé.

Eu cá muita sorte dou
Quando vejo assim um mote,
Já é ter mui pouca sorte
Se o trinta e dois rebentou.
Neste nada me faltou
Esmolinha é que me fez,
Oxalá que o que vem
Não me trate com desdém,
Que fará o trinta e três?

Horácio Ferreira.

Quem nunca se aventurou,
Na «roleta» d'esta vida,
De-certo que não duvida
Se o trinta e dois rebentou.
Um ano que amargurou,

E trouxe tanto revés.
Passou e tanto mal fez.
Cá, n'esta terra de Cristo.
E depois de tudo isto,
Que fará o trinta e três?

Lizé.

Acreditár me custou,
Para jamais duvidar,
Que fome vamos passar
Se o trinta e dois rebentou.
Convencido também 'stou
De que ainda este mês
Só crimes vamos ter dez.
E cem roubos, até ver!!!
Ficais agora a saber
Que fará o trinta e três?

(Gaia).

Sepol.

Dinheiro, não me deixou
Nem de ganhá-lo o pretexto
Esse maldito bissexto.
Se o trinta e dois rebentou,
«Mari-Rita» perguntou
No seu mote desta vez
Para glosar este mês:
Se éle á entrada tanto chora,
Que será de nós agora,
Que fará o trinta e três?

Tón.

Mote a concurso para o próximo número

*Preguei os olhos no céu
E o nariz no cometa.*

Aproveitamos esta aberta para dar publicidade a algumas glosas que recebemos do nosso grande amigo, Dr. Pretito, que, lá longe, não se esquece de nós nem da sua terra. Fazemo-lo, gostosamente, porque a MARIA RITA sabe agradecer. E uma palavra boa é o suficiente para que ela sinta uma enorme gratidão. Além disso, as glosas do Dr. Pretito, são perfeitas e bem metrificadas. Aí ficam.

Aumentando dia a dia
A imprensa em Portugal
Nós fomos, por nosso mal,
Muitos «Eros de Cacia»,
Com prosa e poesia
Que devia, sem demora,
Ir, logo ao ruir da aurora,
Parar a um W. C.
E muita gente que os lê
Há por esse país fora.

Esta vida é uma roda
Que gira constantemente:
Por isso, diz muita gente:
Se o nullismo pega em moda,
Os costumes levam poda,
Vira a civilização.
E entrando o nu em acção,
Sem maçã e sem juízo,
E mesmo sem Paraiso,
Voltamos ao pai Adão...

Minha avó, senhora esperta,
Disse a um trabalhador:
Fique sabendo o senhor:
Bom caçador não deseria
Nem que a chuva seja certa
E amesce trovejar!
O homem baixou o olhar
E respondeu em seguida:
Quando a chuvinha atrevida
Persiste: põe-se a caçar.

Quer o teu Pai me desande,
Ou ralhe a tua mãezinha
Em te apanhando sózinha
Vou-te dar um beijo grande
E Deus, depois, que nos mande
Para casos tão bichudos
Um castigo dos talados.
Se o beijo fór com ciência
Tu há de ter paciência
P'ra o trocates em miúdos.

Uma velha sileoviteira
Falava assim da vizinha:
Com aquele ar de santinha
Sabe a Rosa costureira
Atrair o homem que queira!...
Torta das pernas, sem pose,
Não tem nada que se goze...
...E' bem fácil de encontrar
Quem arranje, sem comprar,
... As línhas com que se cose...

Sem sarilhos, sem banzé
Há muitos meses que eu vivo
A' procura de um motivo,
Ando a cer se arranjar pé.
E juro por minha fé
(Por causa de outra menina)
Que hei de ver se ela atina
E conseguirei em breve
Um motivo, embora leve
P'ra dar de mão à Faustina.

Assim, tal e qual as modas
Que passam com a estação,
Sem se saber a razão
Morreram as velhas todas
E embora se façam bodas,
As de ouro vão acabar.
Vêm-se velhos clamar
Com saudades e tormentos:
Não há velhas... não há ventos,
Já não há quem talhe o ar!

Há que tempos isso vai
Mas se agora se sabe
E em jornal serio não cabe!
Enfim! Descobriu-se o pai
E a mãe agora não cai
Em dizer-nos, penso eu,
Que o pai dos filhos morreu!
Outros tempos, outra idade
E é outra a paternidade
Dos filhos de Zebedeu!...

Podes crer que não desdenho
Dos teus dotes, raprigna!
Vaias mais uma figa
Se ficesses o que eu tenho
Tinhas, a mãe, um desenho
No teu todo e isso que faz?
Ficavas sendo rapaz
E falando muito a serio,
Ninguém faria mistério,
Já não dadas o que dás.

Esta vida não seduz
E só tem contrariedades:
Por exemplo nas cidades
Quanto mais se paga a luz
(P'ra todos pesado cruz)
Menos ela nos afuga,
Nos alumia, embriaga.
Se não há luz não há festa
Mas quanto mais se protesta
Tanto mais a luz se apaga.

Será verdade, afinal,
O que dizem para aí?
... Cá por mim inda não li...
S. Pedro com no jornal
Da corte celestial
A pedir a um anjinho
Que lhe faça, com geitinho,
Uma farta cabeleira
Pois, embora seja asneira,
Vai comprar um capachinho.

Os seus defeitos ninguém
Gosta de ver criticados
E assim em todos os lados
Mariano diz que tem
Dus amantes também,
Já oitenta anos viveu
E ao ouvi-lo, penso eu,
Que o que éle nos diz que faz
Foi o que fez em rapaz
O que há muito já perdeu!

Concurso Perjuro

Após a reunião efectuada pelo júri respectivo para a escolha da melhor glosa deste concurso, e da melhor resposta aos três predicados que tornam a mulher ideal, e depois de ponderada a opinião do doador e nosso amigo, sr. Perjuro, foram os prémios adjudicados como segue:

O anel, ao *glosador Kammon*, como autor da melhor glosa ao mote:

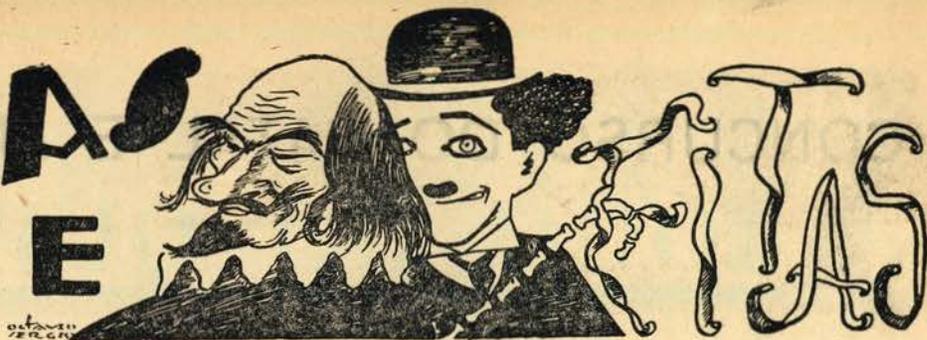
*Estive p'ra ser ladrão
Por causa do teu retrato.*

O alfinete, ao *glosador Lizé*, como remetente da melhor resposta aos predicados.

E agora, resta-nos apresentar parabéns a estes senhores, e os nossos maiores agradecimentos ao grande amigo da MARIA RITA, e autor deste certame, sr. Perjuro.



PEÇAS E



O Doutor Providência

(Peça em 5 quadros, tendo os dois últimos a pintura um pouco borrada)

PERSONAGENS } O Doutor Providência
A filha do Doutor
O Presidente da Associação Médica

Côro de doutores

PRIMEIRO QUADRO

Um consultório médico. O doutor e sua filha, estão de blusa branca

O DOUTOR (a sua filha) — Temos alguma consulta?

A FILHA — Nenhuma, papá. E' tudo para injeções.

O DOUTOR — Quantas?

A FILHA — Talvez umas sessenta senhoras. Vinte na sala de espera, dez no corredor e o resto pelas escadas abaixo, até à porta da rua.

O DOUTOR (satisfeito) — Que triunfo! Como me invejarão, os colegas!

A FILHA — Sim, papá! A sua *acelerina* foi uma grande descoberta, que nos tornará milionários. (extasiada) O papá é um sábio!

O DOUTOR (mordaz) — Não! Sou um psicólogo!

SEGUNDO QUADRO

Sala das sessões, na associação médica. Uma encheite

O PRESIDENTE — E assim, meus senhores, eis-nos perante o insólito caso do Doutor Providência, que se recusa a apresentar uma memória sobre a sua injeção de *acelerina*!

CORO DE DOUTORES — Muito bem! Muito bem!

O PRESIDENTE — Até aqui, o que sabemos (e apenas por intermédio da imprensa) é que ele assegura que a sua injeção acelera o tempo de gestação, reduzindo para quatro, o habitual período de nove meses necessários para o geramento duma criança. Ora como até agora ainda não nos chegou qualquer comunicação oficial do facto, eu proponho que se faça público, nos jornais, a nossa

desconfiança quanto a esse tratamento, para que ninguém se deixe iludir por ele, e que o Doutor Providência seja expulso da nossa associação!

CORO DE DOUTORES — Muito bem! Muito bem!

O PRESIDENTE — Tenho na mão a descrição de quarenta casos como o que vou ler-vos! (lendo) «Inocência da Purificação. 18 anos. Casada em 15 de Abril. Tendo levado três injeções de *acelerina*, deu à luz uma robusta criança em 12 de Agosto.»

CORO DE DOUTORES — E' de mais! Fora! Fora da nossa associação!

UM DOUTOR (à parte) — Vá lá ganhar dinheiro ao diabo!...

TERCEIRO QUADRO

Sala luxuosa. Sentados, o Doutor Providência e a filha

A FILHA — Quero pedir-lhe um favor, Papá!

O DOUTOR — Se fôr coisa que esteja nas minhas mãos...

A FILHA — Está, sim! Quero que me injecte a *acelerina*.

O DOUTOR — Estás louca!

A FILHA — Louca, porquê? Há um mês que me casei e estou no meu direito de querer encurtar o tempo da gravidez.

O DOUTOR — Mas... filha! A's vezes, a injeção, faz com que os filhos nasçam fracos, raquíticos!

A FILHA — Seja como fôr, quero levar a injeção!

O DOUTOR — Proíbo-to!

A FILHA — Bem! Sei o que me resta fazer!

QUARTO QUADRO

Os mesmos

A FILHA — Desculpa, papá, mas acabo de dar a injeção em mim própria.

O DOUTOR — Ai, sim? Pois vou pedir ao céu que te não faça a vontade e verás, como a-pesar-de ela, terás nove meses de gestação!

A FILHA — Pode pedir o que quiser! Tenho a certeza de que em mim, a *acelerina* dará os seus resultados!

O DOUTOR (avançando para ela) — Que dizes? Por acaso...

A FILHA (irónica) — Digo que tenho confiança na sua ciência de sábio!

O DOUTOR (que percebera tudo) — E' como tôdas! Uma desavergonhada!

A FILHA (saíndo) — Porque não comunica o meu caso à Associação Médica? Que triunfo, hein? E que sábio!... (sai).

O DOUTOR (entre dentes) — E que... (não conclui a frase).

Pela adaptação,

DR. KNOX.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A comédia lírica, género policial, em 3 actos *Miss Diabo*.
Carlos Alberto: A revista em 2 actos e 15 quadros *O Dia das Romarias*.
Rivoli: A produção sonora *A' procura de um milionário*.
Trindade: O filme falado em francês *Mata-Hari*.
Olimpia: O encantador fono-filme *Sevilha dos meus amores*.
Batalha: A movimentada produção sonora *A aventureira de Tun's*.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos 14 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Lioceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Criatórioam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; R. de S. Roque da Lameira, 2785; Aven. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Brancamp, 688; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 288-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Aven. Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos

CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

JOGO DO QUINO

ULTIMA SEMANA

								85
1								
6								

Nome

Morada

Pontos

(Recortar por aqui)

Como viram, a coisa era simplicíssima. Bastava apenas para acertar, que alguém do lado lhes segredasse os números correspondentes a cada semana.

E agora, falta só que VV. Ex.^{as} nos enviem este recorte de hoje, devidamente assinado, e fiquem à espera até ao próximo Sábado para saberem a sorte que lhes coube.

Os números saídos esta semana foram os **69, 19 e 16**.

Até agora temos apartado os seguintes concorrentes:

Com 12 1; Com 11 8
 Com 10 16; Com 9 22

E toca a preparar, meus senhores, que estamos aprontando uma segunda partida de

PIM-PAM-PUM

com grandes prémios e novas modalidades.